

A Regra dos Pares, o Jornalismo e a Comunicação Dissidente¹

Jacques A. Wainberg

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: Este estudo trata do processamento cognitivo que a audiência realiza do noticiário. Denomina-se de Leitura Espelhada a propriedade de inferir do dito algo que é o inverso do comunicado. Surge por decorrência na audiência a pulsão, a sensação de lacuna que demanda ser preenchida. Considerando o fato de que o jornalismo é por natureza comunicação dissidente e tem vocação distópica conclui-se que o público é fustigado constantemente por uma sensação de incompletude. Este é, por decorrência, o principal impacto do noticiário no clima de opinião pública.

Palavras-chaves: Vocabulário; Leitura Espelhada; Comunicação Dissidente

É relevante à compreensão do impacto do jornalismo na consolidação da opinião pública o fato de que o ser humano pensa com pares de palavras opostas. A associação por antonímia é decisiva para o cálculo cognitivo (raciocínio) realizado tanto por interlocutores envolvidos num diálogo como pela audiência exposta ao noticiário. Por exemplo, não é possível compreender o verbete AMOR sem que se saiba o significado de ÓDIO. ANDAR não implica em CORRER. Para se compreender o significado de QUENTE é necessário saber, necessariamente, o significado de FRIO.

Certamente há casos de verbetes sem antônimos. Nestes casos o que se opõe ao sentido do dito é uma ideia complexa, uma metáfora, uma expressão idiomática, ou ainda um termo estrangeiro que a língua nativa incorpora. Por exemplo, CASA se contrapõe à ideia de desabrigo, de alguém sem residência/lar, algo que o termo inglês HOMELESS expressa. Por sua vez, a língua inglesa incorporou a palavra hebraica/ídiche CHUTZPA, cujo significado é INSOLÊNCIA. Neste caso o par pode ser constituído por POLITENESS/CHUTZPA. Outra palavra estrangeira, NAIVE, feminino de *naif* em francês, também foi incorporada ao léxico inglês por ser capaz de capturar de forma peculiar um significado complexo, o de uma pessoa não sofisticada, inocente e crédula. Neste caso os pares NAIVE/ARTFUL e NAIVE/SOPHISTICATED podem ser considerados. Noutras ocorrências a comparação entre os termos do par leva em conta um

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, RJ, 2015

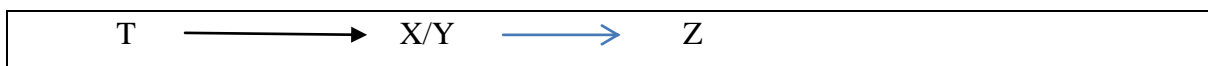
atributo relevante aos dois vocábulos, algo que permite calcular a singularidade de um significado. É o caso, por exemplo, da presença e da quantidade de *árvores* utilizada como critério nos pares FLORESTA/DESERTO e FLORESTA/BOSQUE, por exemplo.

Em português, ‘caminhar’ equivale a ‘andar a pé’, ‘cavalgar’ a ‘andar a cavalo’ e ‘voar’ a ‘andar de avião’. No entanto, não existem predicados similares para ‘andar de bicicleta’, ‘andar de ônibus’, ‘andar de carro’ e ‘andar de trem’. Ocorre que estas expressões são úteis, pois funcionam no cálculo decodificador como contraste à expressão e/ou vocábulo oposto no par.

Casa/Homeless	Caminhar/Correr	Naive/Sophisticated	Politeness/Chutzpa
Andar a Pé/Andar de Bicicleta	Andar de Ônibus/ Andar de Avião	Andar de Trem/ Voar	Floresta/Bosque

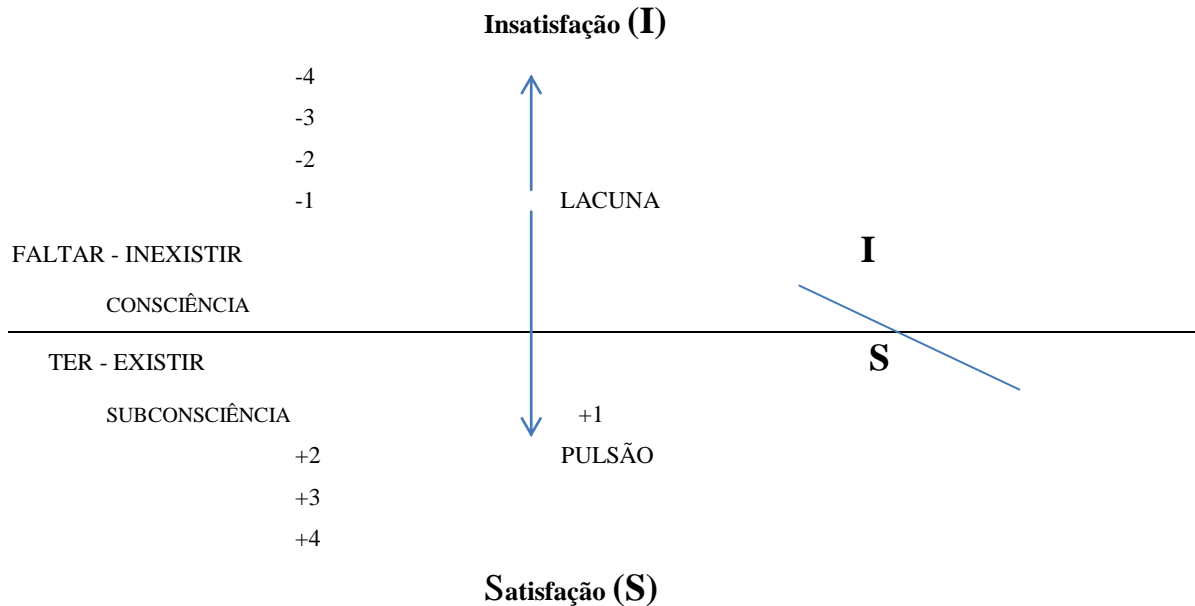
No caso dos nomes próprios a variação de gênero implica na geração de um antônimo. Por exemplo, os pares RAFAEL/RAFAELA, JOÃO/JOANA, FERNANDO/FERNANDA acarretam a ideia de que o masculino e o feminino do nome próprio implicam a presença do par HOMEM/MULHER. Trata-se, portanto, de um tipo de cálculo que resulta de uma inferência em sequência de vocábulos pareados.

HOMEM ← RAFAEL / RAFAELA ← MULHER



Cabe ressaltar para os fins do argumento da *leitura espelhada* a seguir proposto que a Regra dos Pares vale não só para as palavras como também para o discurso. A mensagem invertida subjaz ao dito embora seu sentido permaneça oculto à consciência. É esta carga interdita que impacta as pulsões do público e gera a decorrente ruminação social. As pulsões expressam o que nos falta. Nossa existência nunca é plena. Há sempre algo que demandamos para preencher as lacunas que resultam de nossas insatisfações, de nossas frustrações, de nossos desejos e dos nossos sonhos. O noticiário tem forte impacto na geração destes vazios. Surgem em decorrência dois pares significativos adicionais – EXISTIR/INEXISTIR; TER/FALTAR. Ou seja, o ser humano não suporta o vazio, a

ambiguidade e a incerteza. Por decorrência, a pulsão é inversamente proporcional à lacuna e pode ser medida numa escala em graus.



A pulsão que subjaz como energia psíquica e vital fica à espreita, em posição *stand by*, para ser acionado no momento de necessidade (WAINBERG, 2015). Seu impacto político fica evidente nos momentos de erupção violenta dos desejos coletivos que clamam por satisfação. Há, portanto dois tipos de inputs: o estímulo ostensivo que age na superfície da consciência estimulando o aparato cognitivo (é o caso, por exemplo, das manchetes, dos títulos e das chamadas no jornalismo), e o que age de forma imperceptível e sutil no subconsciente. A recepção envolve, por isso mesmo, uma *leitura espelhada*.

Leitura Espelhada

Como exposto na *regra dos pares*, o estímulo gera um implícito invertido que decorre do contraste por antonímia e por comparação de verbetes e de ideias. Para tanto é necessário identificar os *marcadores retóricos* que demandam esta inversão. Ao contrário dos marcadores do discurso cuja função é manter viva a interação entre falantes e ouvintes, e que por isso mesmo possuem um significado vazio, não modificam o significado da sentença e são sintaticamente independentes ('oh', 'oi oi oi', 'então', apesar de), os marcadores retóricos informam a intenção comunicativa do emissor. Tais unidades centrais do texto são denominadas *nuclei* pela Teoria da Estrutura Retórica do Texto. Esta teoria assume que algumas unidades do texto são mais salientes do que outras (denominadas de

satélites). As relações retóricas são descritas em termos de *esquemas*, ou seja, a maneira como um ou mais satélites estão relacionados ao núcleo (Forsbom 2005).

O cálculo cognitivo: *a leitura espelhada*

Input A: (Consciência) (-) ‘ **Assaltante morre** após **tiroteio** com a polícia. ’

Input B: (Subconsciência) (+) A **paz** assegura a **vida** e resulta da existência na sociedade de ‘ **pessoas de bem** ’.

Marcadores retóricos: assaltante; morre; tiroteio.

Os Pares: Assaltante/Pessoa de Bem - Tiroteio/Paz - Morte/Vida

O estímulo subconsciente que resulta da inversão dos marcadores retóricos constrói uma imagem mental de um mundo idealizado que se contrapõe às mazelas do mundo real. Portanto, e repetindo, o efeito político do jornalismo resulta da inferência de algo que não é dito, mas que está implicado, algo que pode ser calculado e que se opõe ao sentido do que é manifesto. Conclui-se que *toda história contada equivale à outra que lhe é oposta e que permanece interdita à consciência*. Este fato explica porque não se pode, por exemplo, constituir uma teoria da paz sem que se elabore, necessariamente, uma teoria da guerra. É o que sugere, por exemplo, Kenneth N. Waltz, em seu clássico estudo *Man, the State and War: a Theoretical Analysis*. Ele pergunta: “Explicar como a paz pode ser mais rapidamente alcançada demanda a compreensão das causas da guerra” (1954; p.10). PAZ e GUERRA são dois lados de uma mesma moeda. O PAR é uma relação simbiótica na qual cada registro depende de seu oposto para existir.

VERSO **d** **GUERRA**

REVERSO **b** **PAZ**

Intenção

Nominar uma pessoa de alfabetizada implica em classifica-la como apta a reconhecer as palavras que ela ouve ou lê. A relevância do vocabulário foi assinalada na conhecida hipótese de Sapir-Whorf. Ela afirma que o léxico influencia a percepção das pessoas. Este fato destaca sobremaneira a importância do repertório. O vocabulário aumenta com a escolaridade, com a socialização e com a leitura. Mas isso não basta. Uma pessoa só se torna cidadã plena quando é capaz de realizar cálculos cognitivos não triviais, algo que a

permite ir além da mera decodificação do vernáculo e assim chegar a conclusões pessoais e originais.

A Regra dos Pares propõe a ideia de que a escolha de um vocabulário envolve necessariamente o descarte de vários outros verbetes alternativos. Portanto, quanto mais rico for o repertório de uma pessoa mais opções existirão para sua navegação na teia linguística (web). “Ocorre que cada palavra tem tantos significados que selecionar um num contexto de palavras requer na leitura decifração (*guess*) rápida”, diz Marshall McLuhan.² Pode-se argumentar que falar implica a mesma propriedade.

O discurso não é um acaso, a escolha das palavras não é aleatória e todo discurso envolve uma intenção. Segundo Menna Barreto (2003), a escolha do vocabulário permite excluir de uma mensagem inúmeras interpretações compatíveis com a mensagem codificada e que a escolha significa que aquela era escolha pretendida (In Sartori, 2015; p. 423).

Este tema da intenção do discurso tem sido amplamente considerado nos estudos pragmáticos. Os filósofos da mente, entre eles Grice, Austin e Wittgenstein, ao examinarem o ato comunicacional, a relação entre a linguagem e os usuários, consideraram a intenção e o contexto como determinantes na configuração do significado em linguagem natural (Sartori, 2015; p. 33).

O que é dito numa notícia e o que é expresso em seu título seguem a mesma regra. O redator, como qualquer falante, faz suposições sobre o ambiente cognitivo dos interlocutores, a audiência em seu caso, inclusive e principalmente o seu repertório linguístico e cultural. Ele busca ativar o aparato cognitivo do receptor conquistando-lhe primeiro a atenção e depois a compreensão. Desta forma, ao produzir efeitos contextuais, a notícia manipula os estados mentais da audiência.

É fácil compreender os limites impostos a uma pessoa que dispõe de um repertório vocabular limitado e que se revela igualmente limitada na sua capacidade de interpretar textos. Resulta uma capacidade comunicativa restrita que a impede não só de se apropriar dos vocábulos adequados à sua expressão como também à compreensão do que lhe chega aos sentidos nos diálogos e na sua exposição à mídia.

Quadro 1. Leitura espelhada de notícias (discurso jornalístico)

d	b	d/b	I/S
----------	----------	------------	------------

² Em entrevista à emissora australiana ABC em 1977. Fonte: Youtube.

VERSO Notícia veiculada na imprensa em 3 de fevereiro de 2015.	REVERSO A toda história contada equivale outra que lhe é oposta e que permanece interdita à consciência.	OS PARES	PULSÃO
<p>1. Palácio do Planalto já informou a presidente da Petrobras, Graça Foster, de que ela será substituída no cargo.</p> <p>2. Segundo o jornal <i>Folha de S. Paulo</i>, pesou para a decisão da presidente Dilma Rousseff a divulgação do balanço do terceiro trimestre na semana passada, onde chegou a ser aventado que a Petrobras deveria baixar seus ativos em R\$ 88 bilhões por causa da corrupção e ineficiência no planejamento e execução de projetos.</p> <p>3. Dilma considerou o número, que acabou fora do balanço não auditado do terceiro trimestre da Petrobras descabido e a mera divulgação, um tiro no pé da diretoria da estatal. A maior empresa brasileira perdeu quase três quartos de</p>	<p>1. O governo demorou para afastar Graça Foster que permaneceu no cargo de presidente da Petrobras a despeito das denúncias de corrupção na estatal..</p> <p>2. A presidente é indecisa. O fracasso da administração de Graça Foster era até agora um fato considerado irrelevante. Mas ficou tão evidente que a presidente, foi obrigada a admitir o mau desempenho. Os resultados da Petrobras seriam melhores se a empresa fosse administrada com honestidade e com eficiência. Não foi possível continuar a esconder o fracasso da administração.</p> <p>3. A honestidade acarreta a divulgação de números verdadeiros. Eles devem estar dentro dos balanços. Auditores não podem esconder tais resultados. Mas a imagem da empresa está abalada. A Petrobras é hoje algo menor do que era no</p>	<p>1. Já/Depois → Demorar Permanecer/Substituir</p> <p>2. Pesar → foi relevante/irrelevante Decisão/Indecisão Divulgar/Esconder Corrupção/Honestidade Ineficiência/Eficiência Subir/Descer</p> <p>3. Fora/ Dentro Auditar/Esconder Descabido/ Verdadeiro</p>	<p>GOVERNABILIDADE</p>

<p>seu valor de mercado nos últimos anos devido à política de investimentos inflada e os sucessivos casos de corrupção apurados na Operação Lava Jato.</p> <p>4. A presidente da República segurou o quanto pode Graça Foster na chefia da empresa. A própria executiva já havia pedido para sair em outras ocasiões. O nome do substituto de Graça está em estudo pelo governo.</p>	<p>passado recente. Ela seria favorecida com a verdade sendo dita.</p> <p>4. A presidente deveria ter afastado Graça Foster bem antes. Ela não queria ficar. O seu substituto é desconhecido.</p>	<p>Divulgação/Esconder</p> <p>Dar Tiro no Pé →</p> <p>Prejudicar/Favorecer</p> <p>Maior/Menor</p> <p>Corrupção/Honestidade</p> <p>Perder/Ganhar</p> <p>4.</p> <p>Segurar/Largar →</p> <p>Afastar</p> <p>Sair/Ficar</p> <p>Estudar/Desconhecer</p> <p>o quanto pode/ bem antes</p>	
---	--	---	--

O efeito político do jornalismo deriva em boa medida da *leitura espelhada* que o receptor faz do conteúdo que lhe chega aos sentidos através da mídia. Esta conclusão é compatível com a máxima pragmática que ensina que o significado de um enunciado não está contido plenamente no sentido explícito da sentença, “mas na relação da mesma com o contexto de uso e com as intenções do falante”.

A *leitura espelhada* é um método útil de investigação por ser capaz de apontar o tipo de inferência que o público faz do conteúdo do noticiário. Tal inferência é relevante à compreensão do clima de opinião pública, algo que impacta as forças políticas que se manifestam na sociedade. Naturalmente, o campo da pragmática é muito maior e mais rico do que este discreto realce à Regra dos Pares. Cabe destacar, no entanto, que o impacto do jornalismo ocorre porque o leitor almeja monitorar o ambiente, deseja diagnosticar as

ameaças que o cercam e ambiciona decidir sobre o que fazer para se adequar às mudanças ocorridas em sua circunstância. Ou seja, espera-se que o público reaja ao dito e comunicado pela imprensa.

A leitura espelhada foi identificada também na experiência soviética. No período comunista surgiu no país uma linguagem privada, uma espécie de antilinguagem da propaganda oficial. Houve um *gap* agudo entre as ambas as esferas. Elas se tornaram tão diferentes que se pode falar do aparecimento de uma diglossia (bilinguismo) na língua russa. “Uma constante navegação entre o público e o privado, entre as declamações das realizações superiores do estilo soviético de viver e a triste realidade acabaram produzindo uma geração de pensadores duplos (*double-thinkers*) (Kovalyova, 2009; p.49/50)”.

Emoções

Mas isso é obtido não só pelo conteúdo do noticiário, como também pelo estilo da narrativa. Há aqui outro binômio, o da FORMA/CONTEÚDO, sendo que o primeiro (como se diz algo) impacta necessariamente o segundo (o que se entende no dito). O estilo é um recurso que contribui à sensação gerada no receptor pelo enunciado. Os estilos narrativos incluem, por exemplo, a alegoria, a aliteração, o anagrama, os assíndetos, as anáforas, as hipérboles, as metonímias, as onomatopeias, as paródias e a sátira. Este fato é relevante uma vez que o jornalismo faz parte da *indústria da emoção*. A comunicação massiva em geral (o jornalismo, a publicidade, a cinematografia, a literatura, a arte, e o entretenimento em geral) conquista a atenção da audiência na medida em que ela é capaz de desperta-la da sonolência e da apatia (WAINBERG, 2008). É o que ocorre também nos diálogos interpessoais nos quais os emissores disparam de forma ostensiva estímulos na direção do ouvinte visando ativar seus sentimentos. A matemática é a linguagem preferencial das ciências *duras* por razões opostas. Elas demandam objetividade e os números são a forma encontrada para produzir mensagens despojadas de afetividade, algo impossível de se conseguir com as palavras.

Portanto os efeitos desejados no polo da recepção são consistentes com as intenções do emissor. Naturalmente, o clima de opinião pública depende do humor coletivo, algo que está sempre disponível à manipulação. As emoções (ERKMAN, 1999; PLUTCHICK, 1980, 2002) podem ser acionadas por uma enorme variedade de recursos retóricos, entre eles, também a ironia, as alegorias e as parábolas. São tantos que Gideon Burton, professor da

universidade americana de Brigham Young, os denominou metaforicamente de *SILVA RHETORICAE* (A Floresta da Retórica).³

Quadro 2. Leitura espelhada de títulos jornalísticos

[d/b]	[I/S]
1. Governo anuncia plano para garantir energia	
Governo não tinha plano e por decorrência a energia não estava garantida.	GOVERNABILIDADE
2. Com racionamento de luz e água, PIB pode cair	
PIB só sobe com abundância de luz e água.	GOVERNABILIDADE
3. Nível do Cantareira cai após 6 dias de estabilidade .	
Estabilidade só volta com aumento do nível.	GOVERNABILIDADE
4 . Petrobrás deve chegar a 2016 quase sem caixa .	
Petrobrás terá poucos recursos.	GOVERNABILIDADE
5. Haddad quer sistema de ônibus mais competitivo .	
O sistema de ônibus é atrasado.	GOVERNABILIDADE
6. Governador do Rio diz não temer investigações .	
O governador é suspeito.	GOVERNABILIDADE
7. Ataque na França expõe guerra civil global islâmica.	
A guerra civil islâmica existia há tempo.	SEGURANÇA
8. ‘Hotéis do crack’ são depredados em São Paulo.	
Hotéis do crack existem em São Paulo.	SEGURANÇA
9. Hong Kong tem protesto pela democracia .	

³ Ver Humanities.byu.edu

- A democracia está ameaçada em Hong Kong. SEGURANÇA
10. Pescador de latinhas **sobrevive** do lixo retirado das águas da Billings.
Pescador de latinhas é miserável e como tal RIQUEZA
não vive como pessoa normal.
11. Maior **aposta** no setor de energia do país, hidrelétrica de Belo Monte **atrasa**.
Com sorte a hidrelétrica será concluída. GOVERNABILIDADE
12. Blogueiros do país **buscam** alternativas para faturar.
Blogueiros brasileiros não ganham dinheiro. RIQUEZA
13. EUA: Salário é o **principal** fator de pedido de **demissão** no país.
Os americanos ficariam nos empregos se RIQUEZA
ganhassem mais.
14. **Agentes à paisana** se **misturam** aos foliões para **protegê-los** no Rio.
No carnaval os policiais se fantasiam de civis, SEGURANÇA
evitam ser identificados para prender os ladrões no Rio.
15. **Seca** faz produtores rurais do RJ **perderem** safras e gado.
A chuva será a salvação dos produtores rurais. RIQUEZA
16. **Falta de chuvas sobrecarrega** usinas termelétricas.
A chuva aliviará as usinas termelétricas. SEGURANÇA
17. **Cancelamento** de refinarias **elevará** importação de combustíveis.
Mais refinarias significarão menos importação GOVERNABILIDADE
de combustíveis.

Fontes: O Estado de São Paulo/ Folha de São Paulo /
O Globo - 01/02/2015

O exemplo do Quadro 2 mostra que os títulos publicados no mesmo dia nos jornais O Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo e O Globo produzem três pulsões primárias: a segurança, a riqueza e a governabilidade. É fácil avaliar o efeito cumulativo deste tipo de noticiário. Sendo esta a realidade cotidiana de toda a mídia durante um longo período de tempo pode-se imaginar a ruminação coletiva que tais títulos são capazes de produzir. Cabe observar também que todos os 17 títulos do Quadro 2 produzem algum grau de alarme no leitor. A evidência revela a vocação distópica do jornalismo. Como o noticiário pressupõe uma vigorosa amarra à realidade e à verdade, fica claro que sua comunicação dissonante é dissidente.

Comunicação Dissidente

A Comunicação Dissidente se propõe a enfrentar e a desafiar certa ideia que é ou que aparenta ser hegemônica. Ela expressa o tipo de desconforto e oposição que um ator cultiva a um ou a vários aspectos de certo sistema social, político, cultural, religioso e/ou organizacional. O dissidente pode ser uma pessoa, um grupo, um movimento e como proposto, também a imprensa. A Comunicação Dissidente rompe o silêncio no qual as majorias se refugiam para evitar o ostracismo social e desafia o sistema de crenças estabelecido. Ela resulta de mensagens (notícias, palavras, símbolos, discursos, petições, slogans, imagens, filmes, moda, performances, etc.) e de ações simbólicas (manifestações violentas, como o terrorismo, e não violentas, como a desobediência civil e o lobby) (Martin, 2008). A Comunicação Dissidente implica numa intenção premeditada pelo ator que ao se desviar da norma constituída dissemina no ambiente sua pretensão desafiadora.

A dissidência necessariamente leva em conta “os recursos culturais que irão ressoar em suas sociedades e através de outras sociedades relevantes” (Wehner & Thies, 2014; p. 421). O sugerido neste estudo é o fato de que o que está encapsulado no dito é somente uma fração do que é totalmente comunicado. A Comunicação Dissidente rompe com o significado *default*, o prototípico e convencional. Segundo esta referência pragmática, a dissidência é um tipo de estímulo ostensivo que modifica o ambiente cognitivo que o emissor partilha com o receptor.

Desde esta perspectiva, todo ato dissidente/emissor gera uma implicatura e sempre produz uma resposta. Sendo a ostensão uma declaração (é o caso do noticiário) se espera do receptor um comentário. Sendo uma pergunta, se espera do receptor uma resposta. Sendo

uma declaração imperativa se espera do auditório uma ação (Campos, In Figueiredo, 2012, p. 149-169).

Quando certa tradição é abalada pela dissidência novas crenças, ideias ou práticas emergem na sociedade. Entre o que nos é legado pela tradição do passado e o futuro está a resolução dos dilemas e a maneira de como os dissidentes são capazes de oferecer alternativas criativas às narrativas existentes (Wehner & Thies, 2014, p.417).

Considerações Finais

O medo da corrente *mainstream* de opinião à dissidência explica porque o rebelde, entre eles também a imprensa, é por vezes perseguido e hostilizado. Ela teme o seu efeito mais pernicioso, a violência. Ocorre que a dissidência tem o mérito de poder alertar o sistema denunciado de algum fator desestabilizador, o que age de forma sutil e nociva em seu meio. Este mérito caracteriza também as ocorrências da delação (*whistle-blowing*) (Kassing, 2001; Bennis, 2004; Martin, 2005). Esta é uma forma de dissidência através da qual um informante abala com sua revelação o equilíbrio interno de certa organização (Near, 1987). Assim o dissidente organizacional combate não só a corrupção como também outros comportamentos perniciosos à sobrevivência do sistema. Seu informe é considerado valioso pela sociedade uma vez que o delator expõe a verdade nua e crua dos fatos. O que é dito às claras pelo informante depõe contra a mentira, o segredo e a hipocrisia.

Nos casos de coerção e repressão a mensagem dissidente acaba submergindo. O silêncio é utilizado para evitar o embaraço e o conflito. Ele indica uma ação de defesa acionado pelo aparato instintivo que protege o ser do flagelo público. Ou seja, o silêncio é a maneira encontrada por um ator de evitar o confronto com “opiniões, crenças e gostos” diferentes (Perlow, 2003). Na prosa política fala-se, por isso mesmo, em ‘maiorias silenciosas’. As pessoas simplesmente tendem à conformidade (Banerjee, 1992), se escondem e se protegem na unanimidade. Mas é neste ambiente permeado pelo medo que cabe aos dissidentes a dura tarefa de pronunciar o indizível, romper a apatia e mobilizar as massas.

A emergência da nova narrativa dissidente é um *turning point*. Ela indica como os atores reagem e se posicionam frente às mudanças do ambiente. Nesses momentos de crise as novas narrativas são capazes de dar sentido ao novo contexto. Este foi o caso do efeito causado na opinião pública francesa e internacional pelo ataque terrorista ao jornal satírico francês *Hebdo Charlie* em janeiro de 2015. Naquela oportunidade o fato autorizou a crítica

frontal ao fundamentalismo islâmico e a afirmação (espelhada) dos valores liberais. Outros exemplos similares incluem a narrativa sobre os direitos humanos, a que emergiu no mundo após a libertação dos prisioneiros judeus do campo de concentração de Auschwitz (1945); a narrativa sobre os direitos civis dos negros, a que ressurgiu nos Estados Unidos após o assassinato de Martin Luther King (1968); a narrativa sobre a verdade e o perdão, a que surgiu na África do Sul após a libertação de Nelson Mandela da prisão (1990) e a narrativa sobre o ambientalismo, a que surgiu no mundo após o acidente dos reatores atômicos de Three Mile Island (1979) nos Estados Unidos e de Chernobyl (1986) na Rússia. Mais recentemente, no dia 17 de dezembro de 2010, a autoimolação do verdureiro Mohamed Bouazizi deu início a uma revolução na Tunísia e incendiou os países árabes que ainda ardem em chamas. O fato estimulou a nova narrativa da liberdade política neste universo.

O trauma parece ser o fator decisivo que dispara e autoriza os novos discursos tirando-os da caverna do subconsciente coletivo onde hibernam. Ocorrências dissonantes deste tipo funcionam na mente humana como as britadeiras. Elas trituram o que se assume como verdade abrindo espaço para que a nova crença floresça e frutifique.

Bibliografia

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- BANERJEE, Abhijit V. ‘A simple model of herd behavior.’ **Quarterly Journal of Economics**. n. 3. Agosto de 1992.
- BENNIS, W. ‘Truth or consequences.’ **Center for Public Leadership**. John F. Kennedy School of Government. Harvard University. 2004
- COSTA, Jorge Campos da. ‘Diálogos: questões interdisciplinares.’
In: FIGUEIREDO, Débora de Carvalho et. At. (Orgs). **Sociedade, Cognição e Linguagem: apresentações do IX CELSUL**, 2012, p. 149- 169
- ERKMANN, P. ‘Basic Emotions.’ Em T. Dalgeish e M. Power (eds). **Handbook of Cognition and Emotion**. John Wiley & Sons Ltd. Sussex, UK. 1999
- FORSBOM, Eva. **Rhetorical Structure Theory in Natural Language Generation**. 2005 In: [<http://stp.lingfil.uu.se/~evafo/gslt/nlg/assignment.pdf>]
- GRICE, H. P. ‘Logic and Conversation.’ **Syntax and Semantics**, v.3, Academic Press, 1975
- KASSING, J. W. ‘From the look of things: Assessing perceptions of organizational dissenters.’ **Communication Research**, 21, 553- 574. 2001
- KOVALYOVA, Natalia Vasilyevna. **Rhetorical markers of democratization**. Universidade do Texas, 2009 (Tese de Doutorado)

- MARTIN, Brian. 'Bucking the system: Andrew Wilkie and the difficult task of the whistleblower.' **Overland**, 180, 45-48. 2005
- _____. 'Varieties of dissent.' In Stephen P. Banks. **Dissent and the Failure of leadership**. Cheltenham, UK. Edward Elgar, pp. 22- 36. 2008
- MENA BARRETO, Fernanda. **As implicaturas conversacionais generalizadas na interface entre a semântica e a pragmática**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. PUCRS. 2003
- NEAR, Janet P; Miceli, Marcia P. "Whistle-blowers in organizations: Dissidents or reformers?" **Research in organizational Behavior**, v. 9, 1987, 321-368
- PERLOW, Leslie A. & Williams, Stephanie. "Is Silence Killing Your Company?" **Harvard Business Review** 81, n.5. Maio 2003: 52-58
- PLUTCHICK, Robert . **Emotion: Theory, research, and experience: v.1. Theories of emotion 1**, New York: Academic, 1980
- _____. **Emotions and Life: Perspectives from Psychology, Biology, and Evolution**, Washington, DC: American Psychological Association, 2002
- SARTORI, Roberta. **O mundo dos implícitos no debate político-jurídico da eleição presidencial norte-americana de 2000 através do discurso jornalístico: uma abordagem pragmático-lógico-cognitiva da inferência na interface com a comunicação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras. PUCRS. 2015.
- STREETER, Thomas. 'Policy, Politics, and Discourse.' **Communication, Culture & Critique**. v. 6, n. 4, pp. 488-501. 2013
- WAINBERG, Jacques A. 'O título, as emoções e a utopia.' **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo. 2015
- _____. 'Mídia e Violência: a luta contra a desatenção e a sonolência das massas.' Em: Maria das Graças Gobbi (Org.) **A violência na Sociedade Contemporânea**. Edipucrs (ebook). 2010, p. 138-160
- WALTZ, Kenneth N. **Man, the State and War: a theoretical analysis**. New York: Columbia University Press, 2001
- WEHNER, Leslie E.; Thies, Cameron G. 'Role theory, narratives, and interpretation: the domestic contestation of roles.' **International Studies Review**, v.16, n.3, pp. 411-436. 2014
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- WREN, Sebastian. **Developing Research-Based Resources for the Balanced Reading Teacher**. [In Balancedreading.com]